



ARTES VISUAIS

Universidade de Évora

Departamento de Artes Visuais

Mestrado em Artes Visuais / Intermédia

Intenções portáteis:

Contributos para o estudo da sociabilidade flutuante entre pessoas e objectos na sua dimensão móvel para uma (des) construção de uma ontologia da arte portátil na contemporaneidade.

Dissertação de Mestrado

Orientador – Professor Pedro Portugal

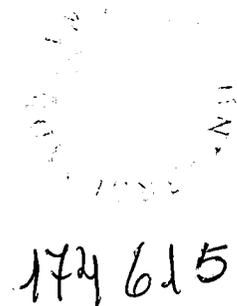
Ana Guedes

Outubro de 2009

Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri

INTENÇÕES PORTÁTEIS:

Contributos para o estudo da sociabilidade flutuante entre pessoas e objectos na sua dimensão móvel, para uma (des)construção de uma ontologia da arte portátil na contemporaneidade



Dissertação de Mestrado
Orientador – Professor Pedro Portugal

Ana Guedes

Outubro de 2009

Ao meu pai

RESUMO

A questão central que abordamos nesta tese, assenta na génese do pensamento portátil dos nossos objectos não artísticos e artísticos.

A portabilidade como sintoma civilizacional, num contexto de crescente mobilidade e transição para modos de vida nómadas e itinerantes nas suas mais heterogéneas expressões.

Especula-se, que a génese desta mutação nos estilos de vida que são vertiginosamente acompanhados pela parafernália de objectos que orbitam em nossa volta, numa espiral crescente de portabilidade, esteja na necessidade de busca de novos paradigmas sociais, após a falência daqueles que sustentam este modo de vida artificial.

PORTABLE INTENTIONS:

Contributions to a study about the fluctuant sociability between people and objects in its mobile dimension aiming the (de)construction of an ontology of portable arte in contemporaneity

ABSTRACT

The central question aboarded in this thesis, leys on the genesis of the portability's thought about objects, artistic and non-artistic ones.

Portability is seen as a civilizational symptom, in a growing context of mobility and transition to nomadic and itinerant ways of life, in there most heterogeneous manifestations.

We speculate that the genesis of this mutation of life styles, that are vertiginously accompanied by all this paraphernalia of objects that orbit around us in a crescent spiral of portability, leys on the necessity to search new social paradigms, after the fall of those that sustain these artificial ways of life.

ÍNDICE:

1 INTRODUÇÃO	6
2 A PORTABILIDADE CONTEMPORÂNEA COMO SINTOMA CIVILIZACIONAL	
2.1 A ambição portátil dos nossos objectos – bolhas individuais	9
2.2 O Walkman e o iPod como sintoma civilizacional	11
3. HABITAR O PORTÁTIL – MODOS DE VIDA NÓMADAS	
3.1 Acerca da génese da vontade de habitar o portátil, novos paradigmas	17
3.2 A liberdade psicológica e a crítica ideológica como metodologia	23
3.3 Habitações efémeras, espaço efémero e heterotopias	24
4. MAPEAR O PARAÍSO	
4.1 A mobilidade contemporânea, a afirmação de um paradigma social.	29
4.2 Mapear o lugar do paraíso	30
4.3 O paraíso como a fantasia de fuga	32
5 PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS E A QUESTÃO PORTÁTIL	
5.1 Projectos pessoais	37
5.2.1 Studio-Orta	46
5.2.2 Gabinete Zittel	48
5.2.3 Atelier Van Lieshout	49
5.2.4 Krzysztof Wodiczko e Michael Rakowitz	52
6 INCONCLUSÕES GERAIS	
6.1 Projectos contemporâneos e a intenção portátil.	54
6.2 Problematização de propostas com intenções portáteis - sintomas civilizacionais	
7 BIBLIOGRAFIA	56

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação especula-se acerca da razão de ser de toda esta revolução dos modos de vida contemporâneos.

Encontra-se em Marc Augé uma análise da contemporaneidade assente no conceito da sobremodernidade que caracterizam esta viragem dos tempos que vivemos.

“Esta necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é a contrapartida da superabundância de acontecimentos que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de “sobremodernidade”, a fim de darmos conta da sua modalidade essencial: o excesso.”(Augé, pp.29, 2005)

Augé caracteriza esta superabundância de acontecimentos demarcando três paradigmáticas figuras da contemporaneidade: sendo elas o tempo - na dimensão não só da mutação da nossa percepção do tempo e do uso que fazemos dele, assim “o tempo, já não é hoje um princípio de inteligibilidade” (Augé, pp24, 2005), na medida em que a superabundância dos acontecimentos torna as narrativas em hipernarrativas ; o espaço, sendo que a crescente mobilidade, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a ida à lua e as suas implicações, nos permitem uma nova escala humana e ao mesmo tempo o dom da ubiquidade, desfragmentando uma cristalizada noção de espaço; a terceira a figura de excesso - o ego, o individuo.

Nunca antes na História tínhamos assistido a uma tão grande necessidade de individuação, reflexo inequívoco do advento da massificação.

“Nas sociedades ocidentais, pelo menos, o indivíduo quer-se um mundo. “ (Augé, pp.35, 2005)

Auge apresenta-nos uma visão sobre o impacto desta nova super mobilidade nas relações que mantemos enquanto sociedades desenvolvidas, o profundo impacto nos modos de vida contemporâneos e como surge um novo paradigma societal e um sociológico.

Na conquista de mobilidade humana, reside a conseqüente portabilidade dos nossos mundos. Os objectos que medeiam a nossa realidade acompanham a velocidade de mudança de hábitos, e esta preocupação com as novas mobilidades tem repercussões nos nossos modos de vida: na dimensão dos objectos que orbitam em nossa volta - os cada vez mais pequenos computadores portáteis, os telemóveis multifuncionais que têm leitores de mp4, câmara de filmar, de fotografar - para que em viagem, não nos falte nada. Mas “em viagem” deixou à muito de ser uma situação meramente temporária e o que antes era uma palavra circunscrita a uma situação temporalmente determinada, pode hoje ser um modo de vida temporal e espacialmente indeterminado.

Quer a viagem seja à volta do quarteirão ou à volta ao mundo, transportamos de forma similar todo o nosso mundo significativo connosco.

Especula-se, que a resposta talvez esteja na construção cultural de uma civilização cujo paradigma societal se mostra obsoleto. Yi-Fu Tuan, em *Escapism*, mostra que a construção de cultura nas suas mais heterogêneas expressões, forjam um mecanismo de fuga a uma realidade incômoda - a fuga um modo de vida sujeito aos caprichos da natureza. A comodidade da vida em sociedade levaram-nos, na contemporaneidade, à visão da falência desta construção artificial de sociedades - deste conceito de civilização portanto. Busca-se hoje um retorno a modos de vida em comunhão com os ritmos da Natureza, conceito este, que é já tão só, também ele, uma construção cultural - uma miragem.

.Aqui surge então a questão, talvez, e só talvez, toda esta necessidade de buscarmos novos lugares esteja nesta construção também ela artificial de Natureza, de regresso a uma ancestral construção de Paraíso - porque todas as nossas fantasias de fuga se centram aqui, na muito individual visão de um Paraíso.

Hoje, na itinerância e na mobilidade que caracterizam os nossos modos de vida, podemos aventurar-nos a pensar nesta questão como civilizacional. Estamos hoje à distância de um bilhete de avião de um qualquer paraíso

tropical, buscamos uma experiencia de vida radical, uma viagem interior, buscamos o sítio onde morou o Homem perfeito - um novo Éden.

Provado que está a falência de um paradigma actual, proliferam, como sempre proliferaram, as fantasias de fuga.

Esta construção ancestral é anterior em muito ao antigo testamento, e atravessa as principais religiões - ainda que em dispares representações do conceito de Paraíso :

“Long before Génesis was written down (...) there were myths about lost paradises. The Summerians who flourished in Mesopotamia from about 4000BC believed in Dilnum, a fabulous land in the east where no sickness was found and animals lived in harmony.” (Rushby, pp12, 2007)

A fantasia acerca do tempo em que Deus, o Homem e a Natureza coexistiam em paz, não são nada mais, do que um fantasia de fuga à realidade.

Nos dias de hoje, são inúmeras as fantasias de fuga culturalmente construídas, e os incómodos desta vivencia “em sociedade” são mitigados e alimentados por uma indústria, amplamente disseminada, que nos oferece construções fantasiosas como a Disneyland, parques temáticos, poderosas industrias de diversão e distracção como Hollywood ou Bollywood - onde se pode ler alienação - e pelos muitos exemplos da nossa florescente cultura material.

O walkman, assim como o iPod – como correspondente actual do anterior - é, apenas um dos muitos produtos industriais que, numa perspectiva de construção simbiótica na relação com o utilizador, se propõem criar uma nova paisagem sonora, uma realidade alternativa - uma nova narrativa sobreposta à narrativa dos nossos quotidianos que, se constitui como um poderoso instrumento de alienação:

Não obstante, toda a parafernália que orbita em nosso redor tem um potencial igualmente alienante, que nos prende propositadamente dentro da nossa redoma, escudando-nos da hostilidade das selvas urbanas. Entenda-se, que esta é uma necessidade, não só uma vontade de criarmos novas paisagens sonoras, ou mesmo realidades paralelas onde à distância de um comando ou de uma *playstacion portable*, temos poderes sobrenaturais, somos os Heróis da nossa redoma, e somo-lo, mesmo ali no intervalo de almoço, no metro, no

autocarro, perante o olhar alienado do outro que, sendo ele mesmo, também o herói da sua própria redoma, permanece insuspeito.

A Arte sempre foi um campo da acção humana onde proliferaram as mais diversas propostas de fuga à realidade.

Abordamos uma pequena selecção – uma amostra - de propostas inseridas nestas preocupações com a alienação, a crescente necessidade de um abrigo seja ele metafórico ou fruto da crítica realidade sócio política e económica, onde a portabilidade é também um reflexo de novas realidades, como sejam: o Atelier Van Lieshout com a AVL-Ville, uma vila portátil, assim como as propostas portáteis de Lucy Orta e o Studio Orta, Krzysztof Wodiczko e Michael Rakowitz com propostas socialmente implicadas e conceptualmente enquadradas num contexto social disperso para modos de vida nómadas – quer estes se enquadrem em situações marginais, ou não.

A PORTABILIDADE COMO SINTOMA CIVILIZACIONAL

A ambição portátil dos nossos objectos – bolhas individuais

É sabido e comumente aceite, adiantaria aliás um lugar comum, que vivemos numa sociedade individualista, e o indivíduo no esplendor da sua individualidade e unicidade, vive alienado - fenómeno este amplamente abordado já por Lipovetsky em “Era do Vazio”² - e alienação é um culto da sobremodernidade e resultado da superabundância³.

Alienação esta, alimentada pela gigantesca máquina da cultura material, que nos oferece Tamagotchi⁴ para mitigar a solidão dado o facto de não podermos ter um cãozinho no nosso T0 muito pequeno, sem jardim, numa cidade super populada. Que nos oferece uma *plystation portable* para fazermos tudo com ela e com ela somos super heróis, temos super poderes e somos senhores de todas as suas narrativas, ali mesmo no metro, no dentista, no intervalo das aulas, insuspeitos ao olhar de outros quantos alienados imersos na sua redoma de auriculares nos ouvidos, ligados ao mp3, ao mp4 aos telemóveis de 3ª geração, ao Ipod, ao palmtop, ligados à Net, ligados ao outro lado do mundo para onde vão na sexta-feira:

² Gilles Lipovetsky em “A era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo” desenvolve a análise das culturas do individualismo e retrata a sociedade do egotismo do momento actual, as culturas do eu que marcam os nossos dias.

³ Falou-se já destes dois conceitos de Marc Augé em “Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade”, em que o conceito de superabundância se aplica a uma análise da actualidade.

⁴ Tamagotchi é um fenómeno de importação japonês onde é criado um mecanismo de presença prótica, um pequeno ovo electrónico onde cuidamos de um ser electrónico como se de um pequeno animal se tratasse, precisamos de lhe dar carinho, comida atenção, medicamentos quando adoecer, tudo à distancia de um pequeno botão.

Viaja conosco senão morre, mas se morrer, temos sempre outro depois do GAME OVER. Para este assunto ver:

ALLISON, Anne – Millennial Monsters: Japanese toys and the global imagination. University of California Press: Berkley, 2006. pp.332 ISBN 978-0-520-24565-5

“Thrown in to handbags, slipped into pockets, or simply hand held, devices such as mobile phones, MP3 players, and personal digital assistants allow us to create transportable environments that we can travel with. They contain fragments of other spaces – places we are temporarily away from.” (Boradkar, 2006,pp.21)

Todos estes objectos, na sua demanda portátil viajam connosco, movem-se à velocidade das nossas necessidades e miniaturizados para servir todas as nossas fantasias, são já símbolos de status, objectos culturalmente impregnados de significações que, carregam consigo todas as nossas esferas de acção todo o nosso universo de significação - o de cá, o de lá, aquele outro lado em que não estamos mas habitamos numa rede hipernarrativa – e que nos confere o dom da ubiquidade.

Estes objectos requerem cada vez maior atenção por parte dos estudos sociais, e assumem um papel preponderante na tomada de consciência e na sua ponderação para a qualidade das relações que estabelecemos enquanto seres sociais. Esta interacção com o mundo mediada por gadgets, que transformam as nossas redes sociais diárias em ligações hipernarrativas sem nunca termos de sair das nossas muito pessoais bolhas, são reforçados por hábitos e mecanismos ultra-contemporâneos de fechamento sobre nós mesmos. Na medida em que se conquista uma independência face a estruturas outrora rígidas e de carácter comunitário agora ao alcance do telemóvel do Palm top, o portátil – conquistamos no fundo, o dom da ubiquidade – estamos em todo o lado, a qualquer altura, em qualquer lugar e em contacto com...

É na descodificação das nuances de sociabilidade dos indivíduos em interacção mediada por objectos, e a qualidade das relações estabelecidas entre si – objecto e individuo, nos dois pólos da interacção - que deciframos os sintomas reflexos do meio em que estamos imersos, e as suas esferas de influência.

Estamos, cada vez mais móveis, mais conectados, imersos nas narrativas hipernarrativas em que se transformaram as nossas vidas, Esta transformação opera-se através dos nano objectos que carregamos connosco numa sempre renovada explosão de portabilidades que alimentam as nossas pequenas bolhas de individualidade.

O Walkman e o iPod como sintoma civilizacional

O Walkman

O Walkman Sony surge em 1979, como uma verdadeira revolução tecnológica e social. Responde a uma necessidade de produção de um objecto absolutamente individualizado que, fosse de encontro á crescente individualização dos quotidianos, dos objectos quotidianos centrado numa estratégia unipessoal, devolvendo ao individuo o seu espaço, e distendendo as fronteiras do eu no espaço social.

Integra entretanto, a uma necessidade que se afirma crescente, além da individuação, a portabilidade. Foi absolutamente revolucionário o aparecimento de um leitor de cassetes portátil, um acontecimento que não deixou intocado o conceito de indivíduo, na medida em que redefiniu as suas fronteiras ao definir o que interfere ou não no seu mundo. Reflexivamente o conceito de interacção social desta mesma forma reflexiva não se mantém inalterado, na medida em que novas formas de estar em comunidade e no espaço social se inauguram.

Walkman Sony torna-se rapidamente num objecto culturalmente impregnado de significados e significantes, um objecto de culto, ocupando a função para o qual tinha já sido criado: atingir um público-alvo, e alimentar uma necessidade de individuação e consumo.

Tendo como público-alvo uma camada populacional jovem, “on the move, up and about”, que se iria identificar com o produto, torna-se instantaneamente ícone de juventude e liberdade. Ascende imediatamente a objecto de desejo e culto conferindo status, veículo legitimador de “juventude” e um sentimento de pertença a um grupo determinado de utilizadores.

Uma campanha de marketing e produção extremamente inteligente na produção de um objecto seriado com intenções de personalização, alimentou

também esta necessidade de afirmação do indivíduo. Os modelos são diversificadíssimos, e visam agradar um público que rapidamente se diversifica e atinge todas as fachas etárias.

As ideias de marketing que a Sony emprega são absolutamente inovadoras nesta época, numa perspectiva focada na globalização, tanto no seu produto como na própria criação do nome da sua empresa na universalização dos seus produtos, no nome que lhes dá, na tentativa de ultrapassar o estigma japonês de regionalização Asiática.

A manipulação da identidade, da imagem, da biografia da marca é uma manipulação muito contemporânea do impulso consumista, da alimentação de uma cultura do objecto.

O walkman é um objecto que inicia uma nova era individualista, um invento que reflecte a sua contemporaneidade social. O Walkman concilia em si duas qualidades demasiado interessantes para serem ignoradas, do ponto de vista social traz um novo nível de interpretação do que é uma sociedade individualista ao construir um objecto que estabelece com o indivíduo uma relação simbiótica e uma estratégia unipessoal na construção da sua própria paisagem sonora. Ao obliterar o som do mundo que gira em seu torno, tudo se torna menos presente, situamo-nos no limbo entre duas realidades – a externa e a interna, que não se relacionam. Por outro lado inicia uma outra revolução no outro que perscruta esta crescente indiferença, redefinem-se as fronteiras do público e do privado, na medida em que nunca antes se trouxera a música para fora de casa, ou dentro da mochila de forma insuspeita. Em qualquer lado estamos a sós com os nossos mais profundos pensamentos, conciliando uma radical transformação de paisagens sonoras.

Surge um novo paradigma de “juventude”, um novo paradigma de público e privado, o abalo do institucionalizado no que seria apenas o início desta rede de objectos que orbitam à nossa volta e que são hoje mais que uma questão de status, uma necessidade, uma questão identitária tanto individual como colectiva de expressão contemporânea.

O modo como um artefacto cultural é produzido estabelece uma relação directa com os significados ou conteúdos com que possa ser impregnado com. Na análise das nuances destas relações significantes com aquilo que já se tornou

um objecto significativa de onde se podem extrair modos de ver e viver o mundo, aí reside portanto reside a importância destes objectos na avaliação dos nossos modos de vida, e na sua génese. Ainda acerca do Walkman Sony, Du Gay, et al, conclui:

“It belongs to our culture because we have constructed for it a little world of meaning; and this bringing of the object into meaning is what constitutes it as a cultural artefact. Meaning is thus intrinsic to our definition of culture.

Meanings help us to interpret the world, to classify it in meaningful ways, to “make sense” of things and events, including those which we have never seen or experienced in real life but which occur in films and novels, dreams and fantasies, as well as objects in the real world. You can play the actual walkman but you cannot think with it, or speak or write with it. Meanings bridge the gap between the material world and the world in which language, thinking and communication take place – the “symbolic” world.” (Du Gay; et al, 2000, pp.10)

Continuamos a pensar a ambição portátil dos nossos objectos através do iPod, na medida em que se tornou um ícone de contemporaneidade, à imagem do Walkman, e continuaremos a analisá-lo no seguimento e na actualidade que as questões inauguradas pelo Walkman Sony se revelam ainda pertinentes e significativas nos dias de hoje.

O iPod

O iPod é o mais popular dos seguidores do Walkman, o mais recente da sua espécie integra leitor mp3 e mp4, com interface de todas as espécies, tornou-se imediatamente objecto de culto, veiculador de status e expressão de contemporaneidade:

“The iPod was first announced at a news conference in Cupertino, California, on October 23, 2001. In the short time since its introduction, the iPod has become one of Apple’s most popular products, with over 750,000 units sold in its first fiscal quarter of 2004. A crucial product in the emerging landscape of digital music, the iPod has

become fetishized rather quickly. Described as a cult object in the *New York Times*, sold at the rate of two every minute, winner of several design awards, this cool new product reflects the styles, attitudes, and new patterns of behaviour of several groups. Through this process, it has become a cultural commodity that has changed how music is shared, transported, distributed, stored and consumed.”(Boradkar, 2006,pp.23)

Com esta imagem de sucesso, não podemos ignorar que estes objectos operam com ainda maior eficácia o seu papel como mecanismos de alienação profunda

Os indivíduos escudam-se da presença do outro e do meio envolvente através dos auscultadores ou, por e simplesmente, apreciam uma mudança de paisagens sonoras que estes objectos, o walkman e o iPod assim como outros leitores mp3 e mp4, discmans, minidiscs e afins, radicalmente alteraram. Existem toda uma escala de nuances nesta sociabilidade flutuante entre objecto e indivíduo fundado nas igualmente flutuantes estratégias de lidar com o meio envolvente, seja ele de que natureza for. Michael Bull, citado por Boradkar reforça esta mesma ideia de que o individuo se escuda da realidade, e o iPod, à semelhança do Walkman de que é sucessor, surge mais uma vez como instrumento alienador de realidades, alimentando fantasias de fuga e necessidades de objectos legitimadores de alienação, com um profundo impacto social:

“Michael Bull, on the other hand, investigates the nature and role of the mobile auditory experience, technology, and personal stereos in the management of every day life. Bull offers a typology as a means of cataloging the reasons why personal stereos are used, some of which are direct responses to the environment. These gadgets offer a means by which undesirable and loud city sounds can be replaced by a personal soundscape. They also allow people to withdraw in to themselves from the discomfort, hostility, and insecurity caused by the omnipresent urban multitude via the activity of privatized listening.” (Boradkar, 2006,pp.23)

É esta individuação do objecto que os vai implantar de forma tão vivida no quotidiano dos indivíduos, que lhes confere significação e que os torna rapidamente ícones de um modo de vida.

Estes objectos cada vez mais miniaturizados através do uso de sistemas integrados, inserem-se neste paradigma de vida ultra-contemporânea que se processa em trânsito, e todos estes objectos orbitam em nosso redor dentro de mochilas, bolsos e outros dispositivos de porte de tralha. Telemóveis, pda's, gps's, computadores portáteis cada vez mais portáteis e melhor conectados, permitem um quotidiano reflexivamente hipernarrativo, hiperconectado, hiper-rápido, sem nunca sairmos da nossa bolha e ao som da nossa musica favorita. As consequências são de acordo com Michael Bull⁵, o surgimento de um espaço onde corpo e tecnologia participam na construção de um conceito de privado ajustado a uma realidade contemporânea. Estes objectos criam uma bolha que viaja connosco como uma sombra, um espaço conceptual flutuante - “non-specialized conceptual space” as a form of “colonization” (Michael Bull citado por Boradkar, 2006, pp.24).

O espaço criado pelo iPod e pelo walkman são espaços flutuantes, conceptuais, transitórios, que se redefinem constantemente, constrangidos nos constrangimentos próprios da preservação de um espaço individual no contexto urbano.

A bolha criada pelo iPod, é uma demarcação de território pela sua existência em si só, quer este ambiente seja real, conceptual ou virtual, ele existe.

Este é um território situado na margem do que é ou não a fronteira de um conceito de espaço social ou mental, e entramos no pressuposto de que este território está em constante mutação, em movimento a “desterritorialização” é um dado adquirido.

No território das paisagens sonoras, os iPod's, mais pequenos, e com muitos gigas de capacidade de armazenamento, propiciam uma nova alteração das paisagens sonoras, que para além de possibilitarem a produção das *playlists*, permitem uma utilização polivalente - descarregam-se músicas directamente da internet, em formato mp3, o que revoluciona radicalmente padrões de consumo. Além da típica alienação de que são fruto e causa simultaneamente, esta nova geração exacerba o sentimento de pertença desta comunidade de orgulhosos

⁵ Michael Bull num ensaio chamado “ To Each Their own Buble, policopiado

alienados, assiste-se ao nascimento de comunidades de *ipoders*, com um *iPod lounge* - www.ipodlounge.com. Os ipoders reconhecem-se na rua, e ao invés de um instrumento de alienação dá-se um o fenómeno contrário, a integração através de um imediato sentimento de pertença.

As consequências no comportamento social destes objectos está cada vez mais estudado, existe uma nota de concordância que atravessa vários pensadores, estas tecnologias dão resposta a uma necessidade concreta dos dias de hoje e alimentam-na reciprocamente, a alienação é tão somente uma necessidade de lidar com um meio urbano hostil, criamos barreiras e lidamos com o nosso envolvente dentro da nossa bolha, no conforto emocional e estético das nossas muito personalizadas paisagens sonoras, conquista-se assim uma ilusão de controlo da realidade, nem que seja na liberdade de mudar o cenário sonoro. E a título de conclusão:

"Many aspects of mobile behaviour are heavily technologized, and this has made it easier to create private domains to withdraw into while being on display in the public realm. The ubiquity of mobile technology can be witnessed in any urban streetscape, which is full of people walking talking on cell phones, jogging while listening to music on their MP3 players, or sitting on cafés while working on their laptops. Since the Industrial Revolution, many scholars and critics have studied the effects of capitalism, modernity, and technology on urban environments and individuals. Georg Simmel emphasizes the struggle between the private and the public in his description of the urban experience; it is a world of strangers where contact is awkward and boundaries are required.

(...) Such Boundaries signify private environments that ease urban angst, and the presence of gadgets, which can occupy time, space, and attention, solidify individual positions within these spheres. Richard Sennett (1974) has observed the erosion of public life, and the need for privatization of experience from chaotic urban environment. Though the act of private listening in the public domain may be means of dealing with discomfort and alienation experienced by individuals in modern society, there is reason to believe that the chasm between these realms is not quite as deep everywhere." (Boradkar, 2006, pp.28)

HABITAR O PORTÁTIL – MODOS DE VIDA NÓMADAS

Acerca da génese da vontade de habitar o portátil: novos paradigmas

A arquitectura assume-se como manifestação cultural que se projecta no tempo e a fixa a um lugar demarcando, a posse de determinado local, hoje, profundamente inserido no sistema capitalista vigente que se instala em todas as esferas da acção humana. A revolta a este sistema capitalista de posse de algo que nos lança na imortalidade e nos fixa a um lugar, surge de modo geral nos anos 50 com um novo paradigma de mobilidade e necessidade de liberdade no pós-guerra.

Procuram-se novas soluções, novas respostas.

Nesta altura assiste-se a uma mutação das formas de habitar e as caravanas tipicamente americanas como as *airstream* que ainda hoje são utilizadas pela NASA, ascendem a um estatuto de solução habitacional.

Assiste-se ao proliferar deste novo estilo de vida, e de uma necessidade surge um novo conceito de habitar.

Fundados nesta reavivada sede de liberdade e renovação surge uma nova forma de pensar a arquitectura e o paradigma de habitação. Nos anos 50 e 60 estudantes austríacos produziram, um corpo de trabalho experimental, provocador e radical, precisamente assente nesta forma como encarnam novos princípios de habitar, surge o colectivo *Archigram*, que num primeiro momento se apresentam num formato fanzine, e projectam-se no futuro com protótipos:

“They wanted to continue the polemic of architecture school (the discussion and the critique), and they realized that a publication might help to bring their ideas to the fore and engender a critical mass. They decided to self publish a magazine called *Archigram*, as thin as a comic book, that would be easy to ship and quick to consume. In projects such as *Instant city* and *Airhab*, *Archigram* illustrated their desire to produce

wricks of architecture that responded to situations, instead of definite, defined, immovable structures that resisted permutation.” (Hejduk, 2006, pp.40).

Procura-se a resposta a novas ideias, e a novas ideias acerca da arquitectura, do seu papel, da sua resposta enquanto disciplina e da forma como se compromete com o meio envolvente e às novas necessidade de habitação. Busca-se um papel activo na determinação de um contexto individual, uma forma de vida auto-determinada e auto-determinista, condicente com os modos de vida sobremodernos de uma sociedade tecnológica.

Os trabalhos do colectivo Arquigram, revelam-se e enquadram-se, com o decorrer do tempo, numa filosofia nómada e portátil. Nas suas pesquisas equacionam-se novas fórmulas



Living Pod

arquitectónicas assentes em questões de liberdade psicológica, comportamental e sensorialmente incluídas.

Esta ideia sensorial encontra-se em *Cushicle*, de Mike Webb , uma estrutura flexível mostrada em 1966 na Achigram7. Esta estrutura insuflável permite ao indivíduo carregar o seu próprio espaço, é uma unidade móvel, adequada a uma filosofia nómada de vida.



Walking City, Ron Herron, 1964

Pensada para explorar, para a itinerância nómada dos indivíduos conseguindo o máximo de conforto com o menor dispêndio de esforço, o *Cushicle* incluía reservas de comida, água, rádio, televisão e aquecimento. A televisão e o rádio foram alojados num capacete, e as demais estruturas são transportadas em pequenas cápsulas.



Coop Himmelblau, Villa Rosa II –
Pneumatic Living Cell

A ideia seria criar uma unidade que uma vez ligadas a um sistema de apoio externo, permitisse a criação de uma comunidade, um sistema urbano de

refúgios personalizados e pessoais, acoplados e dependentes de um sistema de manutenção e alimentação coletivo.

Peter Cook apresenta com o projecto *Blow-Out Village*, uma construção portátil adaptada para o uso em catástrofes e desastres naturais pela sua facilidade de implantação.

As vilas portáteis serviriam um propósito de fornecer abrigo aos deslocados em catástrofes, trabalhadores em áreas de difícil acesso e locais remotos, ou como infra-estruturas para festas e eventos de curta duração.

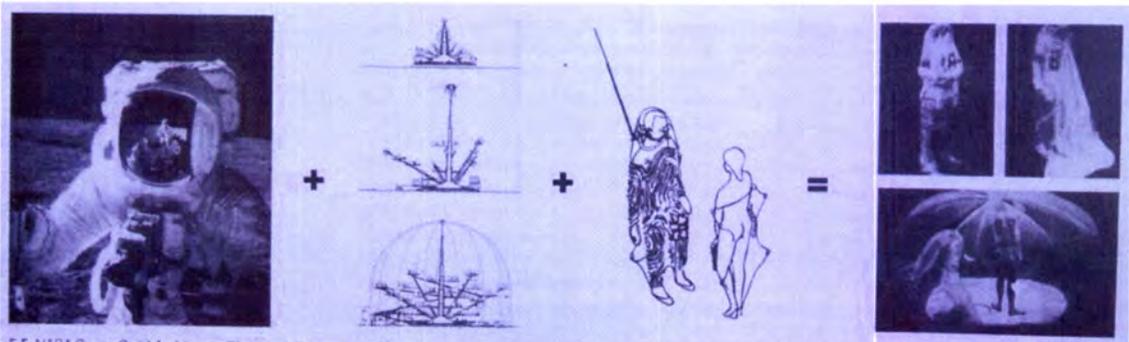
A grande revolução reside na natureza desmontável e montável destas estruturas, na utilização, reutilização, armazenamento e transporte.



Inflatable Suit Home, 1968

Michael Webb com o projecto *Suitaloon*, toma de empréstimo o conceito usado nos fatos espaciais construídos pela NASA:

“Clothing for living in – or, if it wasn’t for my *Suitaloon* I would have to buy a house.” (Hejduk, 2006, pp.44)



NASA Fato Espacial; Archigram, *Blow out village*, 1966; *Suitaloon*, 1966; *Inflatable Suit Home*, 1968

Este projecto permite mobilidade e protecção contra as dificuldades ambientais. Cada fato tem uma ficha, com uma função semelhante a uma chave de casa, podendo abrir o fato à existência em comunidade, ligando uns aos outros ou directamente a estruturas fixas.

Em 1968 surgem na Trienal de Milão com um projecto que visa juntar o projecto de Michael Webb *Suitallon* com o projecto de Cook *Blow-out Village* e surge assim o projecto *Inflatable Suit-Home*.

Nos propósitos para esta exposição podia ler-se:

“The ability of objects and assemblies to metamorphose over a period of time so that we are no longer stuck with monuments of forgotten day...the ability to use the world’s surface and mobility to achieve personal freedom: The nomadic instinct and the nomadic potential of car and car based enclosures...the realization that although we are beginning to be emancipated socially, economically and through a consumer society, buildings has not caught up with this range... the interplay of man and machines to develop this responsive environment and the free ranging exchange of all as and when needed...”

(Cook at all in Hejduk, 2006, pp.45)

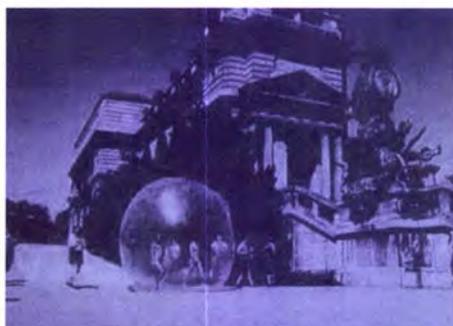
Afirma-se a vontade de um auto-determinismo libertário dos constrangimentos de uma arquitectura de fundações em contraponto com um novo ideal de estrutura que acompanha novas vontades e novos



Yellow Heart, Hans-Rucker



Coop – Himmelblau, *Restless Ball*, 1971



Coop – Himmelblau, *Restless Ball*, 1971



Hans Rucker, *Oásis Number7*, 1972

paradigmas de liberdade. Este movimento e vontade de mudança, insere-se num contexto, onde vencido o paradigma, se buscam novas ferramentas para novas realidades.

A alienação do racionalismo e do funcionalismo resultam num pensamento tido como utópico o projecto móvel.

Em 1968, a equipa austríaca de Haus Rucker apresentam dois projectos insufláveis: *Pneumatic Space for two People* também conhecido como *The mind expander* and *Yellow Heart*. Em 1969 Hans Hollein apresenta *Mobile Office*, em 1971 Coop- Himmelblau apresentam *Restless Ball* que percorreu a cidade de Vienna, e em 1972 Haus Rucker apresenta *Oásis Number 7* na Documenta #5.

Oásis number 7 apresenta aqui uma questão muito pertinente da vontade de mudança, da busca de um novo paradigma, numa vontade ancestral de retorno à ideia de Paraíso.

Não satisfeitos com a crítica iniciada pelo grupo Archigram, onde o modernismo falhou em aproveitar a janela de oportunidade e acompanhar o progresso e a descobertas tecnológicas, os radicais *avant garde*

italianos buscavam uma emancipação do sujeito através da arquitectura - libertá-lo das amarras do funcionalismo e revelar todas as contradições e ambiguidades do projecto modernista. A emancipação do indivíduo através da arquitectura emancipava-o reflexivamente da arquitectura.

O trabalho dos Archizoom e Superstudio são os que mais se destacam pelo radicalismo das suas propostas anti-arquiteturais, manifestação de uma vontade de liberdade



Hans Hollein, *Mobile Office*, 1968



Alberto Rosselli, *Mobile Home*, 1972

face ao paradigma fixo vigente.

Com *Mobile House* de Alberto Rosselli de 1972, exposta no MOMA, procuram-se novos materiais e tecnologias numa nova forma de pensar na arquitetura, com uma estrutura transportável e pronta a usar:

“Contemporary technology permits us to extend mobility and expansion through the use of light-weight materials and more highly developed mechanisms...It is indeed possible to envisage a house that conforms to the psychological requirements of life, an object that can be transformed according to the various uses to which it will be put, and that after a certain time can be completely reassembled.(Rosselli citado in Hejduk, 2006,pp50)

Estas estruturas prefabricadas, manufacturadas e micro climatizadas, não nos oferecem apenas a possibilidade de nos movermos e habitar um modo de vida nómada, elas são objectos e situações que corporizam um núcleo de ideias que pretende minimizar a nossa dependência na acumulação de objectos, e provar um ponto de vista – a consciencialização de que os modos de vida ritualizados e assentes em formas codificadas da utilização e habitação do espaço vigente são obsoletos.

Esta filosofia Humanista põem o ser Humano no centro desta trama, é preciso pensar nas vidas que levamos e nos espaços onde o fazemos:

“(...) the resurrection of the body is a social project facing mankind as a hole, and it will become a practical political problem when the statesmen of the world are called upon to deliver happiness instead of power...Contemporary social theory has been completely taken in by the inhuman abstractions of the path of sublimation, and has no contact with concrete human beings, with their concrete bodies, their concrete though repressed desires.”(Brown in Hejduk, 2006, pp.50)

Ainda que que posicionadas no campo de um pensamento tomado como utópico - e aqui pergunta-se, e porquê utópico? – estas soluções vão de encontro a uma consciência emergente acerca da do indivíduo como ser social e do indivíduo como unidade de ser.

A liberdade psicológica e a crítica ideológica como metodologia

Estes projectos emancipatórios que se desenvolveram durante os anos 60, surgem em consequência directa de uma narrativa histórica, um ponto de viragem ideológica coincidente com movimentos libertários.

O início dos movimentos dos direitos humanos no pós guerra e o impacto que o conceito de liberdade tem para toda uma geração - com a queda de regimes totalitários, a guerra do Vietname, o Maio de 68 e todo um clima sócio político, precipitam esta vontade de mobilidade e portabilidade surgindo como sintoma de mudanças ideológicas, de crises existenciais radicadas no modo como ocupamos o espaço como existimos numa perspectiva sócio, politicamente e economicamente implicadas e integradas.

Estes projectos assentes numa crítica ideológica produzem utopias cada vez menos utópicas, no sentido em revelam preocupações cada vez mais reais nos nossos dias. A implosão da cultura material pela evidência da sua falência. A consciência das questões ambientais, a necessidade de uma integração consciente com os ritmos naturais, a perspectiva da artificialidade das nossas culturas absolutamente alienadas dos ritmos naturais – trabalhamos em cubículos, sem sequer ver a luz do sol, a permanente primavera na secção das frutas, numa construção absolutamente manipulada do que podemos extrair do nosso meio ambiente, pela implosão da cultura material, pela evidência da sua falência.

Esta é uma visão de uma humanidade que não deixaria rasto:

"These wearable environments envisioned life on a landscape in a minimal capsule-like portable environment combining the ideas of a living pod, a library capsule, and a pharmaceutical module, all incorporating views, lenses, or some "concentrate" of a natural landscape, so that the natural environment would not be disturbed by the individual who inhabits it." (Macdonald, 1997, pp135)

Além desta preocupação com as questões ambientais, cada vez se torna mais actual e credível a proposta de portabilidade, as tecnologias de comunicação permitem a miniaturização de todos os gadgets de que precisamos para sermos indivíduos funcionais, integrados em sociedade a partir de qualquer sítio e em movimento, é cada vez mais verosímil partirmos para o meio do monte com o escritório às costas- como foi já proposto por Hans Hollein em *Mobile Office* - e entregar trabalho em qualquer ponto do globo:

“Portable and miniaturized commodities – the notepad, fax, walkman, cellular phone, the microwave, miniature generators and photovoltaic cells – usher a more fluid attitude towards a territory. Information is condensed into tiny packages. An encyclopaedia squeezes into a cd-rom, a lifetime of medical records fits on a credit card. With access to information and transmission through centre-less web systems like the internet, the daydreams of a perpetually rambling individual, or the ideal of living well with a minimal number of possessions, seem ever more realistic and convenient. Webb’s *Cushicle*, described as a “personalised enclosure”, seems a logical extension of the relentless commodification invading everyday life, including dwelling.” (Macdonald, 1997, pp.141)

As propostas portáteis dos anos 60 que se afiguram hoje como projectos cada vez mais viáveis, produzidos durante uma vaga “anti-arquitectural”, com a fusão da tecnologia com a estrutura habitacional visavam uma revolução nos modos de habitar, de que são testemunho grupos como Archigram, Superstudio e Coop Himmelbau, e figuras individuais como Hans Hollein, reduzem o espaço de habitação a uma cápsula, uma bolha equipada, e colectável a uma rede eléctrica, ou a um *Enviro pill* projecto de Hollein em que um único comprimido seria a resposta para a adaptação do ser humano ao seu clima determinado, em puro delírio utópico

Por sua vez os projectos de Michael Webb, protótipos da condição contraditória do individuo inserido numa sociedade capitalista que se despe de cultura material até a um nível mínimo de ocupação material necessária à sobrevivência, traz-nos uma implícita radicalização crítica ideológica face à sociedade de consumo capitalista.

Habitações efémeras, espaço efêmero e heterotopias

É sabido que as necessidades e as vontades se encontram em mutação, existe uma necessidade, cada vez mais reconhecida, que se move no sentido de procurar uma “re-conexão” com os ciclos naturais de vida, uma ligação com o passar do tempo, dos dias e das estações:

“Pressures on ecological systems, sensitivity to time and life cycles in urban settlement, the obsolescence and the need to revise social frameworks for wellbeing, and issues of personal liberty have led to a re-examination of the dwelling unit and its possible incarnations, a key theme in heroic modern architecture, and the focus for innovative projects by radical architects of the 1960s. In a radio interview in 1985 on *Radio France*, the sociologist Alain Tourain suggested that during the 1960s societies moved forward very quickly and experimented with many ideas, traversing a high point from which many possibilities were visible. He characterized subsequent decades as a period of traversing valleys, where there have been no clear path and no long-range perspective. As the so-called “developed” cultures try to re-connect with natural environment, we observe that individuals wish to dwell differently in different seasons, and that a range of kinds of homes, some portable and light, designed for different seasons, situations, times of day and night, or phases of life, augment and interchange the possibilities for dwelling.” (Macdonald, 1997, pp.145)

Inseridos nesta renovada forma de querer habitar a Natureza de novas formas, encontramos um exemplo concreto deste fenómeno.

As comunidades piscatórias do Minnesota instalam-se todos os anos no lago



Ice Fishing in Homer, Monnesota

gelado habitando construções portáteis efêmeras, durante alguns meses até o gelo derreter.



Night Fishing

Antes de uma necessidade, uma vontade de integrar uma paisagem e um modo de vida natural que os faz voltar todos os anos. Faz-nos repensar pensar as formas de ocupação de espaço estabelecidas.

Este fenómeno de Vilas Portáteis talvez nos diga alguma coisa.

De forma não intencional, estas vilas temporárias, estes nómadas contemporâneos transgridem uma inabilidade contemporânea de nos rendermos ao ambiente natural, ao contexto e às circunstâncias envolventes - todas as regras segundo as quais a arquitectura se materializa. Permite-nos então, uma janela de oportunidade para reflectir sobre a volubilidade dos nossos desejos, necessidades e vontades sociais.

A natureza efémera da paisagem de gelo, sim porque não é terra que se habita, mas a superfície gelada de um lago, que vindo o degelo, se transforma novamente em superfície inabitável - uma espécie de heterotopia⁶.

Por mais primitivas que consideremos esta ocupação espontânea, ela levanta indubitavelmente questões acerca de conceitos de ordem social e politicamente implicadas acerca da propriedade, permanência, da ocupação do espaço, da propriedade privada e pública:

⁶ Heterotopia é um conceito emprestado de Michel Foucault em "De Outros Espaços"

“Curiously, the ephemeral landscape on which these communities gather is territory unowned, untitled and unpossessed. Could a compelling draw to this harsh landscape be the lack of ownership, taxation, or economic base on which to circumscribe rules and regulations about its use? In a culture whose myths regard as sacred the ownership and possession of land, ideas, technology, and material goods, it is extraordinary to encounter a situation where “land” disappears and reappears seasonally and, hence, cannot be consigned to the cultural forces that shape our current condition of eroded social function. This landscape does not conform to the customary means and methods of territorial ownership; it is a veritable *tabula rasa*. There is a primal human desire to engage creatively with the world that these settlements ultimately represent. (...)Again, these ephemeral villages facilitate the possibility of forging a link between the self and other, and between the self and the environment. It is, thus, strange and hopeful to find, within our culture of ownership, this unexpected yet thriving island of communal possession and dispossession.” (Abbott, 2006, pp.65)

Numa sociedade consumista obcecada com a questão da posse e propriedade, esta demonstração da negação pública e colectiva da nossa condição espaço temporalmente determinada, tem o efeito de nos toldar a consciência social.

Talvez, e só talvez, o que move estas pessoas a habitar este meio gelado, em cima de águas geladas e profundas, e a retornar ano após ano, seja esta vontade ancestral de habitar um meio natural que não está presente nas suas vidas durante o resto do ano.

Todos os anos estas vilas no gelo aparecem e desaparecem com as estações, quando a época de pesca acaba, as casas são dobradas arrumadas, rebocadas, e levadas para serem reutilizadas no ano seguinte. Aqui a portabilidade é extremamente importante ao acomodar todo um contexto temporal, revelando a natureza efémera do envolvente ambiental assim como na natureza efémera da sua estrutura.

O que manifesta esta ocupação poética num território efémero, nesta terra de ninguém gelada, aliás, território de ninguém - na medida em que não existe de facto terra - é esta vontade humana de contacto libertador com um mundo menos artificial. O tempo passado nestas paragens geladas permite libertação temporária das preocupações do dia-a-dia.

Nesta existência simples, ainda que temporária, existe uma apreensão da nossa condição temporalmente determinada, e também a nossa igual impermanência.

Estas estruturas efêmeras revelam uma possibilidade poética que nos intriga.

A nossa natureza efêmera, não é relevada nos valores da arquitectura contemporânea. A cultura ocidental, em toda a sua obsessão com a permanência, a ocupação do território, a produção de durabilidade e a propriedade privada, camuflam a natureza efêmera dos indivíduos.

Estas ocupações de território efêmeros, com arquitectura e estruturas portáteis, que permitem uma ocupação também ela efêmera, significam algum nível de aceitação desta mesma condição transitória das estações, da nossa existência - da nossa mortalidade no fundo.

MAPEAR O PARAISO

A mobilidade contemporânea, a afirmação de um paradigma social

Segundo John Urry, professor de Sociologia e director do Center for Mobilities Research na Lancaster University, a razão pela qual a mobilidade se torna um novo paradigma societal, reside no facto de os nossos modos de vida se terem alterado de forma tão significativa, que esta acessibilidade à mobilidade e itinerância tão profundamente enraizada nos nossos quotidianos, tem um forte impacto no tecido social - na forma como nos relacionamos, na qualidade das relações que estabelecemos e como o fazemos. Falamos aqui de mediação, uma vez que esta mobilidade se inscreve também através do acesso à tecnologia de comunicação que nos propicia o dom da ubiquidade. Estamos em toda a parte, com toda a gente, ligados em rede a viver as nossas vidas hipernarrativas, perdidos numa renovada espécie de alienação.

As suas implicações económicas políticas e sociais são importantes para a construção e desconstrução do tecido social, à medida que estas redes relacionais e comunicacionais se interligam e complexificam.

“This paradigm examines how social relations necessitate the intermittent and intersecting movements of people, objects, information and images across distance. It has been shown how social science needs to reflect, capture, simulate and interrogate such movement across variable distances. This paradigm forces us to attend to this economic, social and cultural organization of distance, and not just to the physical aspects of movement. (...) this mobilities paradigm though treats distance as hugely significant, as almost a key issue with which social life involving a complex mix of presence and absence has to treat.” (Urry, 2007, pp.54)

Mapear o lugar do paraíso

O conceito de Paraíso é partilhado pelas três religiões monoteístas, que partilham o conceito de “queda” do paraíso, o que quer dizer que ele existe portanto - o sítio da perfeição a ser reconquistado.

Este, é um conceito historicamente carregado com o peso da ideia de Juízo Final, das Guerras ditas Santas, do povo escolhido e da terra prometida e por um messias, aquele que já veio e daqueles que viram...

Importa salientar que esta busca do Homem perfeito que habita ainda a terra da abundância, remonta à tradição Pitagórica que data de 580 a.C.- data do estimado nascimento de Pitágoras, com quem nasce a visão da harmonia do universo fundado no cálculo matemático, na música, na razão e na tolerância. O universo, ou melhor o Cosmos, é entendido como um todo, regido por ideais matemáticos, em que a organização matemática, e portanto harmoniosa, dos planetas, seria de tal ordem consonante, que quase conseguiríamos ouvir a música das esferas.

Nos nossos dias, Pitágoras é considerado ainda o fundador da crença na ciência como paradigma de evolução capaz de restaurar o paraíso na terra de novo.

Chamam-lhes Paradise seekers a todos estes utópicos que buscam um protótipo de sociedade melhor, um sítio melhor, uma construção de indivíduo melhor: “Whatever one’s own paradise might be, however, there is always a border to that place, a separation from normality, enforced by physical walls, culture, language, psychology or any other kind of barrier.”

(Rushby, 2000, pp .xiii)

A alteridade do lugar do paraíso é um conceito que está já vinculado ao próprio conceito de Paraíso, este reside sempre do lado de fora da esfera de acção de um dado indivíduo ou grupo. A necessidade desta cisão espaço temporal da ideia de Paraíso mostra-se uma necessidade psicológica.

"The belief that paradise was up ahead, always just out of reach, had never wavered during the relentless rise of European secularism since the sixteenth century. From then until now, the tenacious grip of the symbolism of the paradise myth on human minds has remained tight, outlasting even that of god for many. Paradise has become the unacknowledged faith of our times, the driving myth of progress and consumer capitalism. We see aspects of the old perfection myth born again everywhere: in Arcadian dreams of country living, in environmentalist hopes for a return to a golden age of global harmony, and even in the super market's ambition to make a Perpetual Spring in the fruit and vegetable department."(Rushby, pp. xiv)

Buscar o paraíso, ou paradise-seeking, é uma questão extremamente pessoal, ou talvez não tanto. Jung afirma que Deus é uma necessidade humana, pode especular-se que a ideia de paraíso como fantasia de fuga também seja uma necessidade humana. Talvez assim se explique porque todos buscamos esse lugar elusivo, porque alimentamos uma fantasia de fuga secreta para onde escapamos nem que seja numa viagem meditativa.

O importante a reter nesta introdução ao tema, é que este ideal de Paraíso, esta ideia ancestral de Paraíso, que é afinal encontrada em relatos de 900a.C., como o local onde o Homem e a Natureza recuperam a sua união perdida - surge apenas e a partir do momento em que o Homem rompe essa harmonia. Em povos que mantêm um modo de vida que depende inteiramente da Natureza, num estágio evolutivo que temos como primitivo, esta necessidade de um local idílico não se mostra já necessária, não existe portanto o mito de um Jardim do Éden, porque o homem vive já no local onde a vida decorre em consonância com os ciclos naturais.

Aqui surge a raiz do problema, será que esta crescente existência nómada poderá estar assente na constante necessidade de buscar um paraíso próprio, numa época marcada pela queda de paradigmas, e mudança de vontades?

Muitas foram as tentativas de encontrar as correspondências dos lugares bíblicos aos lugares reais, o lugar físico onde estaria o Paraíso.

Encontramos paradise-seekers através de toda a história, começamos com a escola Pitagórica – a primeira comunidade conhecida com ideais perfeccionistas, e não mais, até aos dias de hoje, paramos de tentar reinventar projectos sociais com o intuito de superação, de fundar aqui mesmo, o nosso paraísos na terra.

Após a conquista do espaço, quando Yuri Gagarin diz não ter encontrado Deus fora da terra, e surge a constatação de que não existe Paraíso extraterrestre, sabido que está, que na terra também não se encontra. Assistimos á conquista dos paraísos pessoais e a uma consciencialização de que o verdadeiro Paraíso poderá residir em nós mesmos: “These traditions open up new avenues of exploration in a history of paradise: the idyllic place clearly requires worthy inhabitants who are perfect, but in trying to develop themselves, the seekers may create paradise inside their own skulls.”(Rushby, pp. xii)

O Paraíso como fantasia de fuga

Apenas os Humanos são animais culturais. Culturais não só na sua capacidade de usar e fazer instrumentos, mas numa perspectiva mais alargada de ocupação e adaptação ao seu meio natural:

“(…)A human being is an animal who is congenitally indisposed to accept reality as it is. Humans not only submit and adapt, as all animals do; they transform in accordance with preconceived plan. That is, before transforming, they do something extraordinary, namely, “see” what is not there. Seeing what is not there lays the foundation of all human culture. (Tuan,1998, pp6.)

A ocupação do território é uma história feita de migrações de vontades territoriais outras, da busca de melhores condições de vida, de caça, de agricultura... uma vontade de ocupar um outro lugar, feita de uma crença de que do outro lado mora a felicidade, uma vontade que pode bem ser

compreendido como esta vontade intrínseca de fuga - capacidade de ver o que de facto não existe ainda. A questão surge:

“To what extent does the need to believe in a better world at the horizon overrule or distort the “hard facts” that people know? Is reality so constraining and unbearable at home that it becomes the seedbed for wild longings and images? And do these images, by virtue of their simplicity and vividness, seem not a dream but more “real” than the familiar world?” (Tuan, 1998, pp.9)

Talvez a descoberta do novo, e a povoação do Novo Mundo seja precisamente a mostra desta necessidade de escape a um antigo mundo, que se tem como pouco perfeito.

O que a cultura realmente oferece é uma protecção dos constrangimentos naturais a que estamos sujeitos como seres vivos. Codificamos todos os mais pequenos aspectos das nossas vidas, de forma a gerir os nossos instintos, a nossa animalidade, as dificuldades de viver sob a influência imprevisível da Natureza.

Este escape é feito através desta capacidade humana de viver em comunidade, e trabalharem cooperativamente e de nos constituirmos em comunidades, a capacidade para produzir tecnologia e capacidade de fabricar ideias.

Ainda assim o poder destas ideias não trouxe sempre o paradigma da felicidade. A vida em sociedade é carregada de constrangimentos. A mesma capacidade que possuímos para criar sociedades e comunidades, pede agora uma fuga de volta a uma sociedade menos condicionada e uma vontade culturalmente construída de regresso à natureza.

Fala-se aqui desta questão da superabundância que vemos desfilhar nos supermercados, da constatare manipulação das produções através de meios mecanizados, fertilizantes, manipulação genética, aquaculturas e a importação desde o outro lado do mundo que alimenta esta escalada na ilusão de uma constante primavera na secção das frutas e dos hipermercados. Esta superabundância artificial desmonta todo este esquema de “protecção” culturalmente construída alimenta esta nostalgia por outros modos de vida mais naturais - a

fuga a uma extrema artificialidade de ambientes apenas culturalmente sustentados.

A questão que se levanta, é que este ideal de natureza de que sentimos falta é por si só culturalmente construído e aqui surge a questão paradoxal é que a fuga a uma realidade culturalmente construída, dá-se através de uma ideia, de um conceito igualmente culturalmente construído, construção essa que se processa por oposição de realidades diametralmente opostas:

“People say, “I am fed up with snow and slush and the hassles of my job, so I am going to Hawaii”. Hawaii here stands for paradise and hence the unreal. In place of Hawaii, one can substitute any number of other things: from a good book and the movies to a tastefully decorated shopping mall and Disneyland, from a spell in the suburbs or the countryside to a weekend at a first-rate hotel in Manhattan or Paris. In other societies and times, the escape might be to a storyteller’s world, a communal feast, a village fair, a ritual. What one escapes to is culture – not culture that has become daily life, not culture as a dense and inchoate environment and way of coping, but culture that exhibits lucidity, a quality that often comes out of a process of simplification. Lucidity, I maintain, is almost always desirable.” (Tuan, 1998, pp.23)

Yi-Fu Tuan fala-nos da fantasia de fuga de todos os dias, a vontade de partir para um paraíso tropical qualquer é um lugar comum, somos constantemente assombrados por este tipo de pensamentos, sempre e em qualquer situação em que sintamos um desconforto de alguma espécie. Mais uma vez o espaço psicológico para onde fugimos encontra-se ainda no campo da cultura, todas estas ideias de lugares, sejam ele paraísos naturais ou fabricados como a Disneyland, o cinema, ou um qualquer local tipicamente associado ao turismo de massas, cumprem o lugar da ilusão construída para satisfazer as nossas necessidades de evasão.

Este é um comportamento verdadeiramente evasivo. Yi-Fu Tuan procegue o raciocínio propondo que todas as construções culturais são escapistas, que a cultura em si corresponde a um mecanismo de evasão:

“What if culture *is*, in a fundamental sense, a mechanism of escape? To see culture as escape or escapism is to share a disposition common to all who have had some experience in exercising power – a disposition that is unwilling to accept “that is the

case”(reality) when it seems to them unjust or too severely constraining.” (Tuan, 1998, pp.27)

Muitos são os mecanismos de fuga à realidade, os índios americanos mascavam peyote - mescalina, para alterar a percepção da realidade e entrar num território de espiritualidade onde acreditavam falar com espíritos. Na contemporaneidade a dependência química, seja ela para fins medicinais ou de recreio, é amplamente disseminada, numa sociedade deprimida o recurso às drogas oferece um poderoso veículo de evasão⁷.

Para concluir esta perspectiva, Shutzk, adianta-nos a perspectiva de que de facto, a realidade que vivemos - aquela parcela de realidade culturalmente construída que partilhamos no dia-a-dia com os restantes intervenientes dos nossos mundos - é apenas uma fracção da realidade que temos á disposição. A verdadeira realidade onde nos movemos, existe nos enclaves de nós mesmos, onde uma rede única de significações culturalmente construídas se movimenta, esta realidade é aquela onde de facto nos encontramos:

“Alfred Shutzk, the philosopher and sociologist, whose lifework was concern for the meaningful structure of daily life, offers the idea that each of us experiences reality as many different states, temporarily emigrating from the paramount reality of everyday life to enclaves within it which he called “finite provinces of meaning”. Everyday life is the common-sense world, the world of normal reality that we share with other people, and generally think of as most real. Each of the other enclaves or islands has its own specific cognitive style which differs from that of everyday life but is consistent within its own boundaries. The specific cognitive style of each will have its own specific forms of self experience, specific forms of suspension of doubt, different forms of consciousness or attention, of time perspective, of sociality.” (Schutz, citado in Pringle, 2006, pp54)

Interessa ainda referir a pertinência das fantasias de fuga para a questão portátil, na medida em que estas contribuem para a crescente mobilidade e vontade escapista de fugir para o Havai –entre outros aplativos destinos turísticos massificados - de experimentar o outro lado do mundo, num paraíso

⁷ Sobre este assunto pode ver-se “ Ecstasy: In and about altered states”, catálogo do MOCA, acerca de uma exposição que aborda este assunto da influencia de substancias psicotrópicas como mecanismo de fuga á realidade.

tropical qualquer, que nos põem em movimento e que põem todo o nosso mundo significativo em movimento também.

PRATICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS E A QUESTÃO PORTÁTIL

Entre as práticas artísticas contemporâneas que se debruçam sobre a questão da portabilidade destacam-se os projectos de Andrea Zittel, Studio-Orta, Van Lieshout assim como Krzysztof Wodiczko e Michael Rakowitz, que são os exemplos de que se falará mais tarde.

Projectos Pessoais

F.U.R.E.H.P.D.

A questão da portabilidade surge manifesta em primeiro lugar com F.U.R.E.H.P.D.

First Utopian Realities Enhancer Head Piece Device, é um instrumento portátil de alienação.

Um objecto, com uma herança formal sediada nos instrumentos musicais, porque é de paisagens sonoras que falamos, constrói-se com semelhanças aos instrumentos de sopro como os trompetes. Mostram-se as similitudes no formato da malinha de transporte, nos fechos, nos materiais, nesta vivência unipessoal e no ímpeto de partilha.

O mecanismo em que se apoia, é constituído por um conjunto de caixas de música convencionais, manipuladas através de um processo compositivo por subtracção de notas - ao próprio mecanismo.

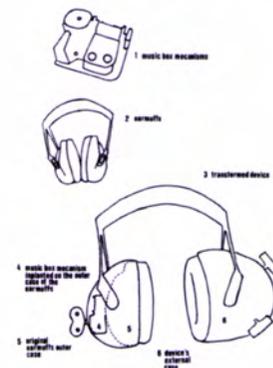
Estes dispositivos sonoros estão implantados em comuns auriculares protectores de ruído, para que a experiencia de alienação se enfatize, e a realidade circundante se “apague”.

Os mecanismos de caixa de música são accionados através de chaves de corda. Dadas as condicionantes deste tipo de mecanismos, cada experiencia depende não só da acção directa do utilizador - uma vez que ele determina como, quantas e quando accionar os mecanismos - mas também da imprevisibilidade intrínseca deste jogo, tornando cada experiência irrepetível.

A portabilidade surge aqui como necessidade efectiva de transportar um mundo significativo, um refúgio, um instrumento portátil de fuga, num formato que se adequasse à necessidade de fruição e partilha destes universos

significativos num contexto de viagem, adequado a um modo de vida muito “contemporaneamente nómada.”

Estes projectos que pretende alguma manipulação por parte de quem os aprecia, são acompanhados de manuais de instrução, neste caso, de uma placa que acompanha passo a passo os desenvolvimentos das acções necessárias à montagem e desmontagem do instrumento.





First Utopian Realities Enhancer Head Piece Device

INSTRUCTIONS

This is a very fragile piece. Please handle with care.
First you may assemble exhibiting support pieces 1, 2, and 3.
You may now experience the device.
Notice that the arrows indicate the proper use of the object's keys.
Place the object over your head, on your ears.
Turn the keys.
Enjoy.
When you're over, please return the object
to the exhibiting support piece.



Helping Hands Kit Deluxe

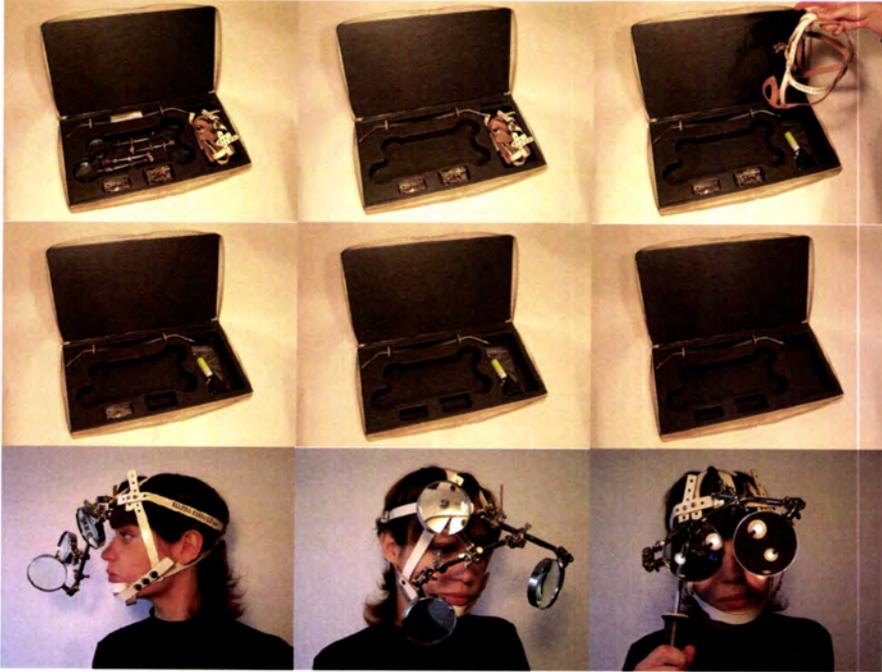
Helping hands kit Deluxe surge como uma proposta mais uma vez portátil, com a dimensão de um pequeno estojo.

Este estojo alberga todas as peças que compõem uma estrutura modular que permite várias disposições, para diversos fins.

Este estranho dispositivo composto de vários braços metálicos, quatro lupas, um suporte de cabeça e outro de parede, permitem uma visão “aumentada” da realidade, e pode ser utilizado nos mais diversas “espécies” de realidade.

Concebido especialmente para aqueles que não conseguem aceder a realidades paralelas, ou discernir as pequenas maravilhas que podemos descortinar com um olhar atento ao pormenor.

Portátil, com manual de instruções e apto a interacções diversas.



Helping Hands Kit details

The Helping Hands Kit was an object that was born out of the necessity to show a point of view, a special way of perceiving the world, the absolute necessity of looking beyond the obvious and in to the simpler things, the fleeting moment where magic happens. Maybe with improved vision we will understand better.

The Helping Hands Kit was an instrument for an improved perception of any given piece of reality, where four enhancing lenses, handles, a lead piece assembly and a wall fixation piece, all fit inside a portable case that allows you to take it everywhere.

The main goal is always to ultimately try to show the existence of inner worlds, to create objects that are instruments which are metaphors of portable nature in the edge of my inner world and the glasses of other inner worlds.

The Helping Hands Kit device can be manipulated with the segmental handles or simply placed over whatever object or thing, used in the hand with the lead piece device and even fixed to the wall for a most permanent use of the object with the wall fixation piece. The portable case measures approximately 10x10x10cm.

It can be shipped all over the world, and the stainless steel and chromed metal pieces are very resistant.

Enhancing lenses have to be carefully cleaned after use to preserve effective function. Cleaning cloth and fluid along with brushes with use instructions are also included.

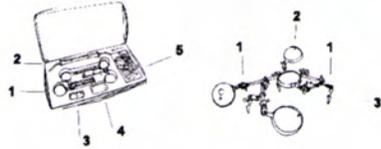
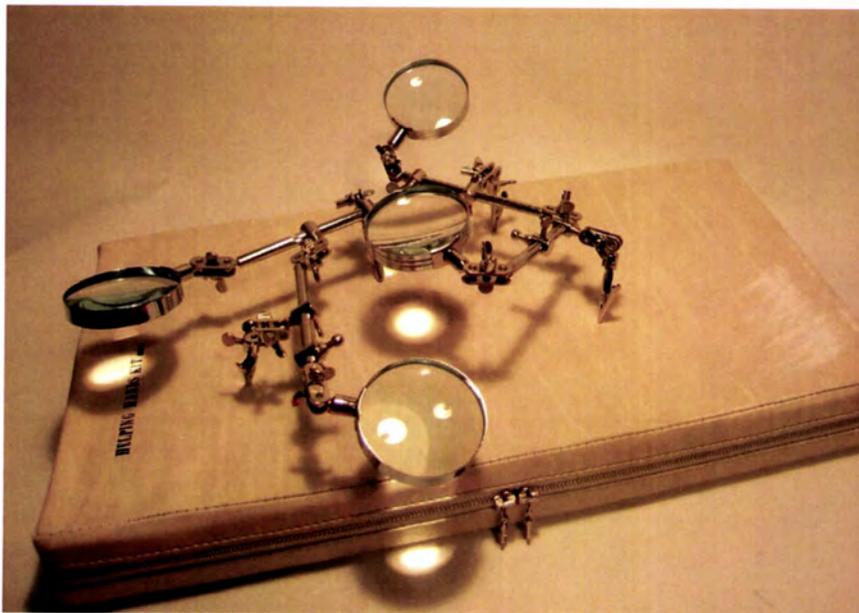


Fig 1 Helping Hands Kit portable case

- 1 Four Enhancing lenses and connectable system
- 2 Two Segmental handles
- 3 Wall fixation piece and assembling screws
- 4 Connectable metal pieces for accessories
- 5 Head piece assembly

Fig 2 Helping Hands Kit device

- 1 Ball joint connectable piece
- 2 Tweezers for fixation of small things
- 3 Enhancing lenses



Portable cinema advanced kits – Paradise Edition

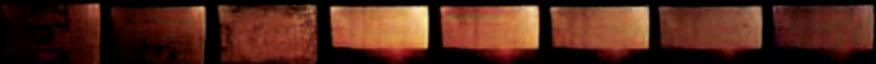
Começando por apresentar o “*Portable cinema advanced kits – Paradise Edition*”), é um dispositivo de projecção em formato super 8 manual, que integra uma estratégia unipessoal de projecção na partilha de pequenos momentos.

Uma tenda de lona vermelha que se monta, desmonta, dobra e leva para qualquer lugar, permite projectar um curto filme – “*Um por de sol na planície*” - através um sistema de cassetes capaz de albergar muitas outras narrativas, tantas quantas conseguimos transportar connosco.

Num carrinho de golfe alterado transporta-se todo o kit - como o projector, as cassetes, o tripé do projector, a tenda e outros acopláveis que se vão tornando indispensáveis ao crescimento do projecto.

Este projecto pretende reflectir acerca das fantasias de fuga e das concepções pessoais de Paraíso, no meu universo. O fechamento nesta tenda, cria um espaço individual, uma “bolha” que permite a visita do outro a esse espaço psicológico habitado de paisagens pessoais dispostas à partilha.

O objecto pretende-se portátil, montável e desmontável, adaptado a um modo de vida em constante movimento, e adaptável a heterogéneas tipologias de meio envolvente.



portable cinemas advanced kit

paradise edition



"Portable cinema advanced kits – Paradise Edition"

Longing for paradise cuckoo clock portable fantasy

Este é um relógio de cuco modificado que faz parte de uma fantasia de fuga à realidade.

Na minha cabeça existe um paraíso tropical qualquer para onde gostava de fugir, levava o meu piano e abria uma “barraca tropical” que vendesse álcool, porque há sempre pessoas mais felizes onde há álcool.

O chiringuito de praia – o “ El Chiringuito”.

Adquiria um papagaio, que repetisse todos os dias que gosta de mim todos os dias e vivia feliz para sempre.

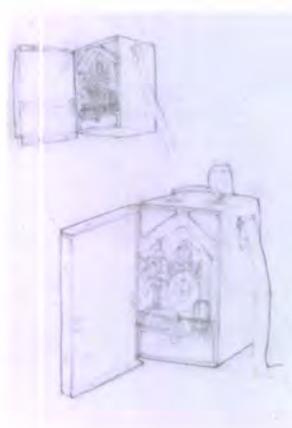
Na minha fantasia o meu piano é vermelho, e tem um mi desafinado, o papagaio é vermelho as portas são vermelhas, há um néon no telhado, luzinhas de festa, há palmeiras e calor, há buganvílias nas janelas, a janela do meu quarto é no telhado e virada para o mar.

O meu relógio de cuco não tem cuco, tem um papagaio que repete todos os dias que gosta de mim todos os dias.

Esperar todos os dias que o meu relógio de cuco diga que gosta de mim todos os dias tem sido exercício de diversão privada. Na tampa do estojo do relógio de cuco guardo pequenos souvenirs das viagens que fizemos.

Longing for paradise cuckoo clock portable fantasy –

o relógio, os chumbos do mecanismo, o papagaio que é o pêndulo, o martelo e os pregos para o pendurar em qualquer parede e dois ganchos de ventosa cabem num estojo que permite o seu transporte.



Paradise seeker - portable instalation

Um *Paradise-seeker* é aquele que busca o paraíso, aquele que tenta encontrar o seu muito individual lugar ideal.

O mito do jardim do éden, o lugar da abundância e da harmonia com a natureza remete as nossas fantasias imediatamente para florestas tropicais plantadas à beira mar, praias de areia branca, palmeiras e água de coco.

Este é o cenário que povoa uma fantasia que habita um inconsciente colectivo comum, aqui pretende-se montar o cenário do sítio onde o meu paraíso pessoal se encontra com esta imagem que é tão facilmente reconhecível como sendo paradisíaca.

A instalação consiste na disposição no espaço de uma pesquisa de cartazes publicitários de típicos destinos turísticos em paraísos tropicais.

No centro do espaço está uma construção desdobrável de um piano de cauda, um faz de conta em cartão e mdf dobráveis.

O Paraíso é real, o piano a fingir, e o som vem directamente do “Mar” de um dispositivo pousado em cima do piano.

Uma janela virada ao Paraíso

Este é o projecto de construção de uma pequena casinha sobre rodas, apta a esta vivência nómada de que falamos, onde, das janelas deste pequeno refúgio se vislumbra o paraíso – o paraíso das praias de areia branca de paragens tropicais com palmeiras e sol todo o ano. Onde podemos ouvir o mar. Como se em todos os pontos de itinerância e por mais cinzento que seja o meio envolvente, naquele refúgio houvesse sempre uma janela virada ao paraíso.

Studio-Orta

O Studio-Orta fundado em Paris em 1991, constituído por Lucy Orta e Jorge Orta que partilham uma directiva no seu processo de investigação. Debruçam-se sobre questões de pertinência fulcral nos dias de hoje, o

conceito de comunidade e as conexões sociais ou a falta delas, a habitação no contexto nómada e as questões implicadas com o abrigo na mobilidade. As situações limites dentro destas questões como seja os sem abrigo, os desadaptados, a imigração, a

inclusão e a exclusão social.

Um dos trabalhos mais relevantes, e que despoleta a reflexão é o *Refuge Wear* e *Body Architecture*, que consiste em habitações portáteis e “vestíveis”, como segunda pele, como fatos, intersectando o refugio com o uso de vestuário.

Este projecto evoca uma consciência social ao colocar os seus objectos na linha de fogo

entre o passeante alienado - uma realidade que se cruza connosco todos os dias - onde estas peças se enquadram por forma a denunciar e testemunhar e participar de algo “incómodo” ao paradigma da superabundância.



Studio Orta



Studio Orta



Studio Orta



Studio Orta

O *Nexus Architecture* é outro projecto de especial importância, porque se inscreve numa esfera de activismo social de intervenção, através do poder simbólico da solidariedade e da ligação ao outro.

Estas estruturas ligadas entre si oferecem um refúgio físico e psicológico no seio de um corpo que é colectivo, numa representação das relações sociais.



Nexus collective Wear, Studio Orta

As esculturas de Orta tendem a um pertinência social que transcendem a acção performativa em que se apresentam.

Estas construções que se vestem como roupa, quando habitadas, ocupadas e mobilizadas operam no espaço como heterotopias, espaços transitórios que perturbam a nossa percepção confortável da realidade e catalisam novas vontades. Catalisam novas atitudes e reflectem a vontade de uma nova condição social, ou pelo menos uma diferente consciencialização.



Studio Orta

Andrea Zittel

Antes de qualquer outro projecto é incontornável falar dos *Escape Vehicles*, este é um projecto que enquadra esta questão da necessidade de alienação na contemporaneidade. Estes contentores unipessoais permitem a construção de um refúgio personalizado, um espaço à contemplação do eu, numa fuga real às demandas do dia-a-dia, com uma preocupação portátil, porque um refúgio quer-se á medida das necessidades próprias. À imagem de *Escape Vehicles*, os seus projectos revelam preocupações com a portabilidade na medida em que estes refúgios estão sempre ligados de alguma forma à ideia de habitar em condições e com condicionantes sempre diferentes, Este último projecto *A-Z Wagon Station* que explora uma noção de liberdade, ao construir refúgios personalizados no meio do deserto, e explorando a questão de ocupação de um espaço inóspito, da ocupação do território na problematização de questões de ordem política até - na medida em que este tipo de habitar se situa de forma marginal ao sistema burocrático, instituído e legislado que caracteriza o momento actual.

Liberdade é o conceito primordial destes objectos que apesar de não terem rodas são completamente desmontáveis e transportáveis.



Escape Vehicles Andrea Zittel



Escape Vehicles Andrea Zittel



A-Z Wagon, Andrea Zittel

Atelier Van Lieshout

O Atelier Van Lieshout sediado em Roterdão alberga o projecto da Vila – AVL, um projecto sempre em mutação que tem como questão central, aquela que é a preocupação transversal em todo o trabalho de Joep van Lieshout, a busca do Refúgio e do Abrigo.

O seu trabalho concilia para além de valores que visam a eficiência, a praticabilidade e a durabilidade das peças, com uma qualidade bizarra. Além de extremamente funcional, as suas peças demonstram alguma depravação. Entre as suas criações podemos encontrar uma cama para sexo estrangulatório,

joalheria que se podem usar como armas de defesa, e câmaras de privação sensorial – *Sensory Deprivation Chambers* – pequenas câmaras herméticas, encerram um espaço exíguo onde existe espaço para uma só pessoa, onde não entra ar, som ou luz.

Uma constante preocupação perpassa o seu trabalho, a vivencia doméstica está expressa nos universos domésticos que cria.

Nesta última projecto, a AVL-Ville uma grande estrutura que integra muitas

estruturas portáteis ou menos portáteis, revela-se esta necessidade de fuga a um mundo exterior hostil, criam-se refúgios que demonstram essa necessidade de fechamento ao mundo exterior, nestes módulo de poucas janelas, portas herméticas e interiores aveludados.



Posto de turismo , Atelier Van Lieshout



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout



Atelier Van Lieshout

AVL-Ville, Atelier Van Lieshout

Existe uma preocupação auto reflexiva - a AVL-Ville, torna-se uma estrutura cada vez mais independente com infra-estruturas próprias, a sua própria bandeira e moeda de troca, hospital, central de produção eléctrica, matadouro, produção própria de consumíveis e sistemas de defesa.

Existe aqui uma forte necessidade de encontrar um refúgio, e segurança num fechamento do mundo exterior. Existe medo do outro hostil, um medo no sentido primitivo do conceito, medo como sintoma

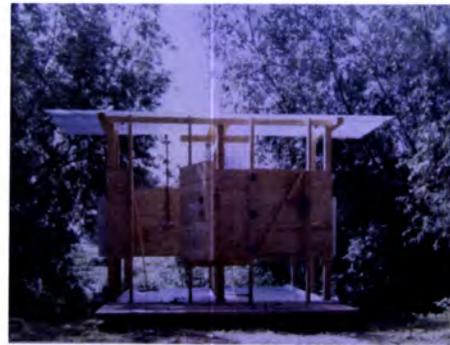
civilizacional:

“ On the one hand this reflects today's society, in which vague external threats lead to equally ill-defined preventive measures like life insurance, a host of medical check-ups, and burglar alarms. The AVL-Ville refers in particular to the helpless state in which modern individuals find themselves when services such as electricity, running water, gas, sewers and refuse collection cease to function. On the other hand Van Lieshout's work presents timeless, more general picture of the workings of the human psyche. The worst fears are produced by the mind itself, and the quest for a refuge can ultimately be seen as the pursuit of peace of mind.” (Ulzen, 2001, pp. 56)

Aqui podemos mais uma vez assistir a uma necessidade de fantasia de fuga na construção de um refúgio por oposição à



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout



AVL-Ville, Atelier Van Lieshout

realidade - uma necessidade de alienação. Ulzen fala de conquista de “paz de espírito”, Van Lieshout conquista-a através da criação do seu próprio território fortificado, uma esfera de acção controlável, onde todos os aspectos da vida estão dominados. Talvez esta seja a sua muito particular visão do Paraíso.

Krzysztof Wodiczko

O *Homeless Vehicle Project* surge como uma necessidade face às dificuldades de uma existência nómada nas ruas de Nova York, especialmente concebido para os sem-abrigo, este veículo deveria responder a necessidades concretas de arrumação, abrigo, higiene,

conveniência, mobilidade e a portabilidade, porque a vida de processa em movimento.

Ao intervir desta forma visível junto destes membros segregados da sociedade, tornando-os mais visíveis que nunca, provoca-se um processo de integração por oposição. Na segregação, e na tomada de consciência de um problema reside a estratégia simbólica deste projecto com fortes implicações sociais.



Homeless Vehicle, Krzysztof Wodiczko



Homeless Vehicle, Krzysztof Wodiczko

Michael Rakowitz

Com a mesma estratégia de visibilidade, o projecto *parasite*, visa a construção de estruturas insufláveis que aproveitando-se das saídas de ar quente dos edifícios, insufla e aquece um pequeno habitáculo. Estas estruturas tornam estes parasitas sociais visíveis, conferem-lhes poder, causando o habitual constrangimento. Existe uma



Parasite, Michael Rakowitz.

subversão da situação, teme-se uma invasão destes abrigos temporários, os sem-abrigo tomam de assalto a cidade com estas estruturas parasitárias.

A questão dos sem-abrigo, numa sociedade dominada pelo conceito de posse, põem a descoberto uma lacuna sistemática no “pensar” os indivíduos segregados. Gera-se um conflito, entra-se em guerra aberta, e as cidades de todo o mundo pensam estratégias para os “afugentar”, e não lidar de facto com o problema.

Nestes dois projectos existe uma vontade de implicação social de denúncia activa, vontade de mudança, e uma necessidade peremptória do questionamento do nosso tecido social urbano.

INCONCLUSÕES:

Tentámos especular ao longo dos cinco capítulos anteriores acerca da tendência portátil dos nossos objectos e modos de vida.

A mobilidade, a velocidade e a ubiquidade são conceitos paradigmáticos dos tempos que vivemos, e que se reflectem na forma como produzimos arte. Assistimos a uma revolução das formas de pensar assentes na falência de antigos paradigmas civilizacionais, e emergem novas vontades, novos paradigmas assentes na ideia de liberdade psicológica e física dos indivíduos e uma nova vontade social de integração do individuo alienado, uma preocupação reflexa nos projectos artísticos contemporâneos cada vez mais socialmente comprometidos - numa vontade expressa de mudar a realidade, de consciencializar.

Se a mobilidade e a portabilidade são consequência desta revolução que se opera a todos os níveis e se assumem como sintoma civilizacional da contemporaneidade, então estas as propostas artísticas de se enquadrar neste registo civilizacional de construção do quotidiano.

Encontramos nestas propostas um conceito transversal - a preocupação com a adaptação à mobilidade e a portabilidade.

Os projectos de Krzysztof Wodiczko, Michael Rakowitz, Studio-Orta, demonstram esta perspectiva emergente da necessidade de mudança e preocupação socialmente implicada na consciencialização de situações marginais e de segregação.

O trabalho de Van Lieshout aborda questões também elas sintomáticas de uma sociedade em declínio. A busca do refugio que é transversal a toda a sua obra, tem AVL-Ville o seu expoente máximo, na criação de um micro sistema de fechamento comunitário em relação á sociedade.

Um projecto que cria uma construção micro e macro refúgio, integrando em si todos os sintomas escapistas da fuga a uma realidade crua, construída sob um

princípio defensivo em relação ao constructo social em que inevitavelmente se integra.

Os *Escape Vehicles* de Andrea Zittel não poderiam ser mais literais no seu propósito, são o reflexo desta necessidade de escape a um entorno áspero que cultivamos quotidianamente, são estratégias unipessoais de fuga, mais uma vez a necessidade escapista reflexa como sintoma civilizacional.

As propostas pessoais apresentadas enquadram-se também neste grupo de preocupações legítimas do nosso tempo assimilando no entanto uma mais urgente visão do conceito de Paraíso integrado numa narrativa de cariz pessoal. A partilha de fantasias de fuga reflecte as mesmas questões de sempre, a necessidade de fuga, a busca de uma representação psicológica de conforto. A preocupação com a natureza “itinerante” de modos de vida muito pessoais, que se integram também elas, em redes sociais mais alargadas.

BIBLIOGRAFIA:

AUGÉ, Marc – Não - Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Trad. Miguel Serras Pereira. s.l.:Editora 90°, 2006.100p. ISBN 972-8964-02-1.

CASEY, Edward S. – The Fate of Place: A Philosophical History. Berkeley and Los Angeles : University of California Press, 1997. 488pp. ISBN 978-0-520-21649-5.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly ; EUGENE, Rochberg-Halton. The meaning of things: domestic symbols and the self. Cambridge: Cambridge University Press. 2002. ISBN 0-521-28774-X

DU GAY, Paul; et all. – Doing Cultural Studies: The story of the Sony Walkman. London: Sage Publications; The open University, 2000.151pp. ISBN 0-7619-5402-3

ELIASSON, Olafur – Your Lighthouse: works with light 1991-2004. Wolfsburg: Kunstmuseum Wolfsburg; Hatje Cantz Verlag, 2004. 192pp. ISBN 3-7757-1441-3

FRANCO, José Eduardo; GOMES, Ana Cristina da Costa – Jardins do Mundo: Discursos e Práticas. s.l. Gradiva, 2008. 734pp. ISBN 978-989-261-0

JACOBY, Mario – Longing For Paradise: Psychological Perspectives on an Archetype. Toronto: Inner City Books, 2006. 229pp. ISBN 1894574-17-6

KRONENBURG, Robert; KLASSEN, Filiz – **Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology 3**. London and New York: Taylor & Francis, 2006. 228pp. ISBN 0-414-34377-1

LEFEBVRE, Henry – **The production of space**. Trad. Donald Nicholson-Smith. Malden: Blackwell Publishing, 1991. 454pp. ISBN 0-631-18177-6

ROJEK, Chris ; URRY, John – **Touring Cultures : Transformations of travel and theory**. London and New York : Routledge, 2002. 214pp. ISBN 0-415-11125-0.

RUSHBY, Kevin – **Paradise: A history of the the idea that rules the world**. London: Robinson, 2007. 272pp. ISBN 978-1-84529-484-7

SCAFI, Alessandro – **Mapping Paradise: A history of heaven on earth**. London : British Library, 2006. 398pp. ISBN 0-7123-4877-8

STEWART, S. – **On Longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection**. Baltimore,MD: Johns Hopkins University Press, 1984.

TACITA, Dean; MILLAR, Jeremy – **ART WORKS: PLACE**. London: Thames & Hudson, 2005. 208pp. ISBN 0-500-93007-4

TUAN, Yi - Fu – **Escapism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998. 245pp. ISBN 0-8018-5926-3

ULZEN, Patricia van – **Atelier Van Lieshout**. Parachute. Montréal: s.ed. ISSN 0318-7020.03 (2001) 44-57.

URRY, John – **Global Complexity**. Cambridge : Blackwell Publishing, 2003. 172pp. ISBN 0-7456-2818-4

URRY, John – **Sociology Beyond Societies : mobilities for the twenty-first century**. London and New York : Routledge, 2000. 255pp. ISBN 0-415-19089-4

URRY, John – **Mobilities**. Cambridge : Polity, 2007. 335pp. ISBN 978-0-7456-3419-7